



## ESPAÇOS DE IDENTIFICAÇÃO E AFIRMAÇÃO AFRODESCENDENTE NA LITERATURA BRASILEIRA

Autor (1) Líbia Leaby Leite Barbosa; Co-autor (2) Rosimery Felipe de Pontes Vieira; Orientador  
(3) Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosilda Alves Bezerra

1. Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: libialeaby@hotmail.com
2. Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: rosimerypontes@hotmail.com
3. Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: rosildaalvesuepb@yahoo.com.br

**Resumo:** O presente artigo surge da necessidade de uma pesquisa voltada para as questões de inserção e veiculação de obras literárias advindas da cultura negra na sociedade brasileira, visto que tais produções ainda são marginalizadas e folclorizadas, fortalecendo, assim as práticas racistas excludentes. Diante do exposto, sentimos a necessidade de realizar uma análise dos aspectos estruturais do romance *O Racismo explicado aos meus filhos*, de Nei Lopes, um dos principais pesquisadores brasileiros da cultura africana que, por meio de sua postura engajada, ressignifica a forma de fazer arte literária. Objetivamos ressaltar, na referida obra, os operadores da narrativa e destacar os elementos literários que contribuem para que os afrodescendentes tomem a palavra e, como sujeitos da enunciação, reafirmem sua identidade e resistam aos padrões impostos pela esfera dominante. Fundamentamo-nos em conceitos de Proença Filho (2004), Duarte (2008), Cuti (2010) que tratam das manifestações negras na literatura brasileira; nas ideias de Santos (2016) que estão relacionadas a aspectos étnico-raciais e introdução de práticas inclusivas no contexto social; em Cândido (2011) que aborda o papel humanizador da literatura; em Franco Junior (2009) que trata dos operadores da narrativa, entre outros. Acreditamos que a presente investigação possa suscitar novas pesquisas e a possibilidade de revisão de práticas sociais desiguais e discriminatórias.

Palavras-chave: Literatura negra, racismo, ações afirmativas.

### 1 INTRODUÇÃO

Pessoas afrodescendentes foram vítimas de discriminação e exclusão por toda história da humanidade. Práticas segregacionistas implicaram no cerceamento de direitos e puseram estes sujeitos nos mais baixos patamares sociais. Diante de tais circunstâncias, este povo buscou subverter as condições impostas formulando diversos mecanismos de defesa e expressão.

O tráfico atlântico de escravos, entre os séculos XVI e XIX, trouxe para o Brasil milhões de negros africanos que influenciaram fortemente a cultura do país. Desde os tempos coloniais, a maneira que esses povos tinham para afirmar sua identidade, preservar seu legado cultural e atenuar



diversas dificuldades como a falta de oportunidade de acesso à educação, moradia, saúde e boas condições de trabalho, se dava por meio de manifestações artísticas.

Os produtos culturais africanos foram renegados, uma vez que a ideia de cultura que se tinha, estava associada à forma erudita, assim, as expressões que estivessem fora dos padrões europeus eram consideradas como não cultura. Apesar de toda repressão, os negros foram os que mais influenciaram na formação da sociedade brasileira e tiveram papel fundamental em manifestações definidoras da nacionalidade.

Mesmo com todas as buscas por igualdade e reintegração social ao longo dos anos, este povo ainda sofre com o preconceito arraigado cultural e historicamente, que disseminam e naturalizam ideias inferiorizantes e impedem o respeito à diversidade racial. Por isso, se fazem necessárias constantes lutas por ações afirmativas que busquem minorar as atrocidades que foram, e ainda são causadas a esse povo, e cooperem na constituição de uma sociedade mais tolerante.

Como arte que provoca o encantamento e a inquietude diante das representações dos conflitos, das tensões, dos desejos humanos, a literatura se firma como uma via de percepção da complexidade das relações humanas. Autores da literatura contemporânea têm enveredado por esse viés para provocar o diálogo do leitor sobre as relações plurais que se estabelece na vida em sociedade.

Nesta perspectiva, analisaremos o romance *O racismo explicado aos meus filhos*, de Nei Lopes, pois acreditamos que a obra que atua como ambiente de enunciação do sujeito negro que toma a palavra, denuncia e reflete sobre o racismo cometido não somente aos afrodescendentes, como também a outros grupos minoritários com índios, judeus, entre outros.

Tal pesquisa fundamenta-se nos conceitos de Proença Filho (2004), Duarte (2008), Cuti (2010) que tratam das manifestações afrodescendentes como afirmação e identificação no âmbito literário, nas ideias de Santos (2016) que estão relacionadas a aspectos étnico-raciais e introdução de práticas inclusivas no contexto social, em Cândido (2011) que aborda o papel humanizador da literatura, entre outros.

O presente artigo está estruturado em três partes, sendo a primeira relativa à introdução, a segunda aos aportes teóricos que o fundamentam, a terceira se relaciona à análise dos aspectos estruturais que compõem a obra em estudo e, por fim, tecemos nossas considerações finais seguidas das referências.

## **2 LITERATURA AFRO/NEGRO-BRASILEIRA COMO AMBIENTE DE REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA**



Durante todo o contexto histórico do Brasil, os produtos culturais e artísticos advindos das minorias sociais como negros, mulheres, índios, homossexuais, entre outros, foram marginalizados e folclorizados, pois as ideias de cultura e arte sempre estiveram associadas aos padrões europeus. No que diz respeito à literatura, os textos produzidos por essas camadas da sociedade representavam uma ameaça ao sistema dominante, uma vez que, ao tomar a palavra, os sujeitos marginalizados poderiam resistir e contestar o que lhes era imposto. Desta forma, o dominador buscou ocultar tais representatividades para que assim fossem evitadas quaisquer insurreições.

Voltando-nos para o acervo literário brasileiro produzido no decorrer da história do país, no qual os afrodescendentes se fazem presente, Proença Filho (2004) ressalta que estes assumem duas condições: a do negro como objeto, sob uma visão distanciada, e a do negro como sujeito com uma atitude compromissada. A primeira está relacionada às obras que trazem a figura do afrodescendente pela óptica das atitudes, ideologias e estereótipos da classe branca dominante. A título de exemplificação de tal estética, podemos citar a figura de Bertoleza no romance *O cortiço* de Aluísio Azevedo em que a referida personagem traz traços de subserviência e inferioridade. A segunda concepção está relacionada àquele que consegue transcender, por meio de manifestações discursivas engajadas, o espaço que lhe é conferido e assim comprometer-se com a sua etnia, como podemos observar em *Axés do sangue da esperança*, de Abdias Nascimento, em que são ressignificados rituais e mitos da cultura negra.

Diante da última perspectiva apresentada, surgem duas nomenclaturas para identificar este tipo de literatura; a “afro-brasileira”, por Duarte (2008) e a “negro-brasileira”, por Cuti (2010). De acordo com Bezerra (2015, p 79) “ambas identificam os aspectos culturais, sociais e de pertencimento étnico-racial contidos nas obras de autores e autoras que representam em sua diversidade uma visão política da literatura nesta área.”

Eduardo de Assis Duarte (2008) ressalta que o conceito de literatura afro-brasileira está em construção e para que algumas obras sejam caracterizadas como tal, ele aponta “constantes discursivas” cujos aspectos representativos baseiam-se em cinco critérios; a temática, a autoria, o ponto de vista, a linguagem e o público leitor. O crítico destaca que a “temática” consiste na ressignificação da história do povo negro na diáspora brasileira, na denúncia às injustiças sofridas na escravidão, exaltação de figuras representativas da luta pela causa negra, como Zumbi dos Palmares, nas tradições culturais e religiosas trazidas para o Brasil, enfatizando assim as lendas, mitos, elementos religiosos e todo o imaginário que circunda de forma oral, e nas condições sociais excludentes atuais que suscitam a miséria e a criminalidade nas zonas periféricas.

No que diz respeito à “autoria”, Duarte (2008) afirma que é um aspecto complexo que não se relaciona exclusivamente a fatores biológicos e fenótipos, desta forma, o estudioso chama a atenção para o cuidado que devemos ter para o não reducionismo do autor com base na cor da pele e nas condições sociais. Diante do exposto, ele salienta que Castro Alves, apesar de muito tempo ter sido considerado como “poeta dos escravos”, não possui obras que se adéquem à literatura afro-brasileira.

O “ponto de vista” é um aspecto de grande importância, pois apresenta o envolvimento discursivo com a história e tradições negras, assim, configura-se “não apenas da visão de mundo autoral, mas também do universo axiológico vigente no texto, ou seja, do conjunto de valores morais e ideológicos que fundamentam as opções até mesmo vocabulares presentes na representação.” (DUARTE, 2008, p 15)

A “linguagem”, segundo Duarte (2008, p 18), é um dos fatores mais relevantes da singularidade cultural do contexto literário afro-brasileiro por remeter a heranças linguísticas africanas, assim assegura que a afro-brasilidade

tornar-se-á visível já a partir de uma discursividade que ressalta ritmos, entonações, opções vocabulares e, mesmo, toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes num trabalho de resignificação que contraria sentidos hegemônicos na língua. Isto porque, bem o sabemos, não há linguagem inocente, nem signo sem ideologia. Termos como negro, negra, crioulo ou mulata, para ficarmos nos exemplos mais evidentes, circulam no Brasil carregados de sentidos pejorativos e tornam-se verdadeiros tabus linguísticos no âmbito da “cordialidade” que caracteriza o racismo à brasileira.

A última constante discursiva, e não menos importante, está relacionada ao “público leitor”. Neste aspecto, Duarte (2008) frisa a representatividade da coletividade e afirma que a escrita não se volta apenas para um determinado segmento da população, ela busca reverter valores agindo no combate aos estereótipos e na constituição de auto-estima do sujeito afro-descendente. O crítico enfatiza que as produções literárias afro-brasileiras ainda enfrentam alguns desafios relacionados à aceitação e aponta dois deles

primeiro, a de levar ao público a literatura afro-brasileira, fazendo com que o leitor tome contato não apenas com a diversidade dessa produção, mas também com novos modelos identitários propostos para a população afrodescendente; e, segundo, o desafio de dialogar com o horizonte de expectativas do leitor, combatendo o preconceito e inibindo a discriminação sem cair no simplismo muitas vezes maniqueísta do panfleto. (DUARTE, 2008, p 21)

Duarte (2008) considera que a presença dos aspectos descritos são fundamentais para determinar a afro-brasilidade de obras literárias como as encontradas em acervos de autores como



Solano Trindade, Domício Proença Filho, Lima Barreto, Maria Carolina de Jesus, Paulo Lins, Maria Firmina do Reis, Oswaldo Camargo, Oliveira Silveira, Conceição Evaristo, ficcionistas e poetas envolvidos na produção dos *Cadernos Negros*, entre outros.

Em suma, a literatura afro-brasileira busca seu fortalecimento na identidade negra e, segundo Santos e Wielewicki (2009, p 346)

isso se caracteriza no resgate da história e na reconstituição de aspectos ligados à cultura negra através de um olhar que não é mais do colonizador e do dominador, o qual tenta opacificar a presença do negro na construção da mesma, mas através do olhar do negro como agente.

Cuti (2010), crítico e poeta dos *Cadernos negros*, um dos maiores difusores da cultura negra no país, discorda das denominações da literatura negra como afro-brasileira e afrodescendente e defende o conceito de negro-brasileira. Ele acredita que denominar o legado literário brasileiro negro de “afro” seria ocultar os impasses da realidade do país, uma vez que a literatura africana não combate o racismo no Brasil e nem se assume como negra.

O estudioso ressalta que o prefixo “afro” remete a uma suposta generalidade branca e abrange aqueles que não experimentaram o fato de ser discriminado racialmente. No entanto, o vocábulo “negro” se relaciona aos sujeitos que “perderam a identidade original e construíram outra, em um país diferente, em busca de suas conquistas.” (BEZERRA, 2015, p 83). Sobre a palavra “negro”, Cuti (2010, p 40) salienta que

nos remete a reivindicação diante da existência do racismo, ao passo que a expressão “afro-brasileira” lança-nos, em sua semântica, do continente africano, com suas mais de 54 nações, dentre as quais nem todas são maioria de pele escura, nem tão pouco estão ligadas a ascendência negro-brasileira.

Diante das percepções de Cuti (2010) surge a literatura negra brasileira, produto de uma população negra fora do continente africano, que possui características próprias, princípios significativos relacionados à população formada por negros no Brasil e tem como língua oficial o português brasileiro. Tais características podem ser observadas no acervo literário de Nei Lopes, escritor e compositor carioca, cujas obras asseguram a resistência por meio da “intimidade com a música e a assunção da etnia.” (PROENÇA FILHO, 2004, p 183) Ele se assume como sujeito, na afirmação da identidade cultural e engaja-se ressaltando as situações do povo negro brasileiro. Suas produções constituem um ambiente de preservação dos elementos culturais negros e buscam ressignificá-los possibilitando a reformulação e reinvenção de sentidos em que o sujeito negro tem possibilidade de afirmar sua identidade e resistir, por meio da palavra, aos limites impostos.

Ao alterar algumas representações que definem a realidade social e o sujeito que dela faz parte, oferecendo novas oportunidades de interpretação do mundo e das identidades, o autor faz da literatura e da música um meio de protesto contra a exploração, contra a alienação da sociedade brasileira, profundamente marcada pelo preconceito de cor, raça e de lugar.

Suas mobilizações atuam como forma de afirmação, revelando especificidades de um grupo, unindo seus iguais e elaborando seus próprios produtos culturais. Na perspectiva de representatividade grupal do Negro na sociedade, Brandão (1976, p 201) assegura que

Ao considerar inicialmente modos concretos de participação do grupo étnico minoritário em um sistema de relações inter-étnicas, é possível concluir que a sua ideologia étnica não reproduz, em estrito nível ideológico, as representações do grupo minoritário e dominante. O que ele reproduz é um modo próprio de participação do sistema e da sociedade. Os negros não fazem uma ideologia étnica a partir do que aprenderam da versão dos brancos. Eles produzem uma ideologia étnica desde formas concretas pelas quais experimentam relações com os brancos.

As práticas de engajamento de Nei Lopes são extremamente favoráveis para que os sujeitos brasileiros negros excluídos, sem prestígio social e de posições econômicas desprivilegiadas, se posicionem e atuem socialmente para garantir seus direitos, reafirmar e dignificar os seus espaços, e apresentar alternativas de visões distintas das que são determinados pelos setores dominantes.

É necessário reformular um espaço propício para o reconhecimento e veiculação das produções negras na literatura brasileira, uma vez que “ignorar e rejeitar as maneiras singulares de cada povo empobrece nossa civilização.” (SANTOS, 2016, p 23) Acreditamos que o caráter humanizador da literatura seja o ponto crucial para desestabilização de práticas racistas, pois, este instrumento poderoso de instrução, conduz o indivíduo a “tomar posição em face das iniquidades sociais.” (CÂNDIDO, 2011, p. 183) Essa capacidade de humanizar é própria da arte literária de Nei Lopes, conforme veremos no tópico seguinte.

### **3 O RACISMO EXPLICADO AOS MEUS FILHOS: O DESVELAMENTO DO PRECONCEITO RACIAL E O CARÁTER SOCIAL DA ARTE LITERÁRIA**

O escritor Nei Lopes nasceu no subúrbio de Irajá em 1942, tornou-se bacharel em Direito e Ciências Sociais pela Faculdade Nacional de Direito da antiga Universidade do Brasil, atual UFRJ, no entanto, abandonou a carreira para dedicar-se à música e à literatura. Engajado nas questões relativas à cultura africana, motivou-se a enveredar por esta temática a partir da constatação, aos 11 anos de idade, da péssima representatividade do negro no Brasil, ao aparecer nos meios de comunicação, o negro era representado de forma discriminatória e preconceituosa. Assim, se firmou



como notável compositor desde 1972, com vasto acervo gravado por grandes intérpretes de sambas tradicionais. Na literatura, o escritor recebeu diversos prêmios pelas obras publicadas com temáticas voltadas para a cultura e a diáspora africanas.

Nei Lopes, assim como outros escritores contemporâneos que buscam a afirmação da negritude em nossa sociedade, ressignifica a forma de fazer arte literária que apresenta o negro de forma estereotipada cuja representatividade acentua o preconceito racial que assola a humanidade.

O escritor contemporâneo abarca o contexto social e histórico da resistência dos afrodescendentes e situa-o no fazer literário possibilitando ao leitor a reflexão acerca de conflitos e acontecimentos nos quais o negro reafirma seu espaço social, nessa perspectiva, a diferença entre os homens não é posta na natureza, na raça, na cor da pele, mas, nas formas de se relacionar, nas características psicológicas de cada um, na maneira como o humano absorve as ideologias do outro.

As obras literárias de Nei Lopes, em sua maioria, apresentam um misto de ficção e pesquisa histórica. Seus romances retratam a história do povo brasileiro pelo viés do negro, revela um passado opressor velado pelos brancos que registraram nos livros de História as páginas da colonização, da escravidão e de anos de subserviência do afrodescendente à elite capitalista. Na obra literária de Nei Lopes o negro é apresentado como protagonista, reivindica a democracia racial e luta pela conquista do espaço social que foi usurpado pelos brancos em nome da superioridade ariana, ideologicamente imposta para justificar atitudes racistas que durante séculos fizeram do Brasil um cenário de violação dos direitos humanos.

A narrativa de Nei Lopes demonstra seu engajamento na busca da democracia racial e seu sentimento de identificação e pertença à raça negra. Em suas manifestações artísticas, seja as composições musicais ou as obras romanescas, seu ponto de vista é marcado pela negação da diferença racial e pelo pertencimento étnico. Essa identificação permite-lhe perceber que ainda há muito espaço a ser conquistado e muito preconceito a ser enfrentado.

A sociedade brasileira continua extremamente estratificada e fechada: a entrada nos círculos de poder e decisão é muito difícil para o povo negro. E, para boa parte desse círculo, o que se espera sair da pena de um escritor afrodescendente é o espetáculo da miséria, da violência, da exclusão. Exatamente para que cada um fique “no seu lugar”. Eu sei que o nosso povo tem uma outra História e outras histórias. E eu seria um idiota se desprezasse toda essa grande experiência que está sendo a minha vida, todo esse imenso patrimônio que me foi legado. (LOPES, 2015)

Desde criança, o artista se mostrou incomodado com a representatividade do negro na arte literária. Profundo conhecedor e defensor da história e da cultura afrodescendente, Nei Lopes propaga sua luta contra o preconceito racial e revela a verdade histórica velada pelo olhar político e social colonizador.

Em seu romance contemporâneo *O Racismo explicado aos meus filhos*, ele aborda a temática do preconceito racial traçando um panorama de práticas discriminatórias que vitimou negros, judeus, ciganos, aborígenes, entre outros povos que, historicamente, sofreram preconceitos, estereótipos, discriminação, segregação, molestamento, genocídio.

Realizando uma análise aos aspectos estruturais da obra, entendemos, quanto ao grau de participação no conflito dramático, que a personagem principal é Paulão, negro, historiador e, pela experiência de professor, disserta sobre temas relacionados à discriminação racial ao longo dos séculos. Paulão faz a mediação dos diálogos estabelecidos pela família sobre a temática discutida. As personagens secundárias são Lia que é judia, advogada, e esposa de Paulão. Ela reforça os comentários do marido com colocações pertinentes sobre a trajetória histórica do racismo; Paulinha, 14 anos, filha do casal, apesar de participar diretamente do conflito dramático, é uma personagem secundária tendo em vista que as suas ações não são essenciais para o encadeamento do enredo; Pedrinho, 17 anos, filho do casal. Ambos se denominam negros, herdaram a pele clara da mãe, feições e cabelos negroides do pai; Dona Ernesta, mineira, trabalha na casa da família e, timidamente, participa dos diálogos matutinos.

No tocante ao grau de densidade psicológica, a personagem Paulão é plana tipo. As ações do historiador são condizentes com a profissão que exerce e com as suas atitudes diante do conflito dramático. Através de seu discurso, percebe-se o grau de entendimento da temática abordada e, além disso, desenvolve a consciência crítica acerca da problemática quando repudia as práticas históricas que vitimou milhares de pessoas em nome de uma superioridade racial. O professor não se limita a transmitir o que sabe, ele demonstra engajamento na defesa de políticas públicas que oportunizem a democracia racial, conforme sua fala

Nunca é demais repetir que, embora não exista uma hierarquia entre os vários grupos que compõem a nação brasileira, muito menos em termos de capacidade intelectual, de um modo geral os afro-descendentes sempre tiveram menos oportunidade de educação e desenvolvimento. Assim, com a falta de políticas de integração no período que se seguiu à Abolição, os descendentes dos antigos escravos, e mesmo de livres e libertos, até hoje não foram integrados como um todo no conjunto da sociedade brasileira. (LOPES, 2012, p. 169).

A postura do professor é característica da função que desempenha na esfera discursiva, tendo em vista que suas ações refletem os valores socialmente atribuídos ao historiador. Merece destaque também, o paralelismo entre as personagens secundárias envolvidas no conflito central e o protagonista Paulão visto que elas aceitam naturalmente suas características raciais e buscam combater a ideia de que não há superioridade racial acreditando que não é na natureza que reside as diferenças, mas nas ideologias de uma sociedade discriminatória e capitalista.

Como elemento estruturador do romance, o narrador não participa dos acontecimentos desencadeados a partir do conflito dramático, não emite juízo de valor sobre as personagens e o enredo e vale-se de 3ª pessoa do discurso para organizar a narrativa, caracterizando-se, assim, como narrador-observador. Quanto à focalização, o narrador é caracterizado como onisciente neutro pela ausência de intromissão ou julgamento à história, aos personagens e a temática abordada na narrativa. Limita-se a narrar a história com imparcialidade e ciência das ações, dos sentimentos e das expectativas das personagens.

O pai lhes ensinou que quando uma pessoa de descendência mista se reivindica como afrodescendente, o que ela ressalta é a parte de sua herança que potencialmente a faz ser discriminada; e que portanto deve ser assumida em sua luta contra o racismo. E a mãe concorda, pois, para ela, a opção judaica é fundamentalmente religiosa e pode se dar mais tarde. Com relação a preconceito e racismo, há muito tempo que o professor vem adiando, mas agora vê que é o momento de ter uma conversa com os filhos. Uma conversa longa e aberta. E ele que também muito já se questionou sobre o assunto, tem as respostas claras e organizadas. (LOPES, 2012, p. 10-11).

Neste trecho fica evidente a onisciência e a onipresença do narrador observador, ele narra o que as personagens vivenciam evidenciando seus sentimentos, suas expectativas, as inquietações não reveladas. A neutralidade desse narrador dá um tom de objetividade à narrativa aproximando-a do romance-ensaio.

O tema central do romance é o racismo tendo em vista que ele engloba todo o conflito dramático que se originou de um acidente de trânsito, presenciado por Paulinha, no qual uma senhora, ao perceber que o motorista envolvido no acidente é negro, xinga-o com palavras preconceituosas. Paulinha expõe sua indignação ao pai e, dessa inquietação de Paulinha surge a motivação para Paulão estabelecer uma espécie de seminário, mesa-redonda duas vezes na semana, em família para expor os conceitos relacionados ao racismo e os fatos históricos que o cercam como práticas racistas, concepções de raças superiores e inferiores; diferentes manifestações racistas: antissemitismo, genocídio, segregação, molestamento contra povos indígenas, aborígenes, ciganos, negros.

Diferentemente da maioria dos romances, o auge do conflito dramático, o clímax, em *O Racismo explicado aos meus filhos* se dá paralelamente ao nó, no início da narrativa.

– Seu Jorge vinha dirigindo, calmo, aí um carro veio e “fechou” ele. Então, para não bater, ele deu uma guinada para direita. Vinha um carro “na toda”, não deu tempo de frear direito e ele bateu. Foi de leve, mas a motorista saiu do carro e xingou ele de “crioulo”. Disse que só podia ser mesmo um crioulo para fazer uma burrice daquelas. (LOPES, 2012, p. 09).

Apesar de ser um fato isolado das demais ações que serão desencadeadas quase que totalmente na casa do professor Paulão, todo o desenrolar da narrativa está relacionada a este

momento inicial no qual atingiu o ponto máximo de tensão sendo basilar para a decisão do historiador em conversar com os filhos sobre as inúmeras formas de manifestações racistas que assolam a humanidade.

O espaço é o lugar onde as ações da narrativa se concentram. Para Franco Junior (2009) essa referência espacial é marcada pela tridimensionalidade que situa o lugar físico onde personagens, situações e ações são realizadas. No romance, o espaço principal compreende a casa do historiador, especificamente a sala de refeições durante o café da manhã onde a conversa é estabelecida. Há uma referência a outros dois espaços, secundários, a rua na qual aconteceu o acidente de trânsito que desencadeou o conflito dramático e um passeio que a família realizou pela cidade, no entanto, a localização geográfica não é especificada.

O ambiente predominante no espaço principal é de reflexão, harmonia, aprendizado e constatações, dada a interação dos personagens e as relações sociais que os unia naquele espaço. A atmosfera harmônica é estabelecida pelas ideias convergentes que vão se consolidando à medida que Paulão e Lia compartilham, com os filhos, as informações histórias, sociais e ideológicas que consolidaram práticas racistas.

Franco Junior (2009) afirma que os acontecimentos e o discurso narrativo estão inseridos num fluxo temporal. Em *O Racismo explicado aos meus filhos*, o tempo cronológico situa objetivamente os diálogos e as ações. Os capítulos são organizados linearmente mantendo a ordem como os fatos acontecem. Além disso, o foco narrativo contribui para a manutenção da linearidade pela marca do tempo verbal presente, dominante no discurso narrativo.

Quanto à relação entre a ordem dos acontecimentos e a ordem da apresentação destes, o discurso é apresentado *in media res*, ou seja, a narrativa se inicia com a apresentação de uma ação determinante para o desenvolvimento da história. No plano de duração, as cenas são apresentadas por capítulo. Cada capítulo retrata uma cena dos diálogos da família que discorre sobre a temática na ordem cronológica dos acontecimentos, isto é, há uma coincidência entre o tempo da história narrada e a ordem dos relatos históricos apresentados nas cenas que são marcadas pelo discurso direto das personagens.

É importante salientar que a linguagem objetiva e formal da obra aproxima-a do romance-ensaio, tendo em vista que, eticamente, fatos e documentos históricos são incorporados à obra e enriquecem os diálogos promovidos pelo Professor Paulão durante as discussões sobre o preconceito racial. Outro fator que contribui para a objetividade dos fatos narrados é a ambientação.



O enredo é desenvolvido através de fóruns de discussão, citações diretas e indiretas polarizam o romance e a questão racial é abordada de maneira clara e informativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade, a literatura tem ocupado diferentes esferas da comunicação humana, tanto pela dinamicidade dos meios digitais que favorecem a propagação do texto literário em diferentes formatos, quanto pelos diálogos que se ampliam a partir de discursos que buscam a afirmação de minorias que, historicamente, foram rechaçadas da sociedade pelo preconceito racial. É pelo caráter humanizador, próprio da arte literária, que os autores contemporâneos buscam incomodar o inconsciente coletivo para a percepção do mito da democracia racial e para o desvelamento do preconceito e do etnocentrismo.

No romance *O Racismo explicado aos meus filhos*, Nei Lopes apresenta uma obra que mostra a inquietude de uma família diante de atitudes racistas e na figura do historiador Paulão, protagonista da história, possibilita ao leitor um panorama histórico das diversas manifestações racistas que foram omitidas por aqueles que escreveram a nossa história.

Quanto à estética da obra, é possível perceber que as falas e ações da narrativa são lineares, sem aprofundamento psicológico sobre as inquietações das personagens. A ausência de um mergulho no interior das personagens e a carência de uso de recursos expressivos da língua deixa o autor em dívida com o leitor que busca deleitar-se numa leitura com a exuberância e o primor da arte literária. No entanto, essa dívida é compensada com um refinado percurso histórico marcado pelo desenvolvimento desigual dos povos. As discussões levantadas, da origem do racismo às ações afirmativas da atualidade refletem o engajamento político do autor no combate às práticas racistas sutis e veladas e na busca de ações constitucionais que não violem o direito à igualdade.

Assim, *O Racismo explicado aos meus filhos*, confirma o caráter humanizador da literatura, suscita a percepção da complexidade das relações sociais, do poder ideológico latente na sociedade capitalista excludente e promove o encorajamento para tomar decisão diante das iniquidades e de atos perversos provocados por uma grande parcela da sociedade que alimenta a ideia de uma superioridade racial idealizada historicamente.

## REFERÊNCIAS



BEZERRA, Rosilda Alves. Literatura Afro-brasileira e/ou Negro-brasileira na sala de aula: leituras do texto literário. In: MELO, Carlos Augusto de; SANTOS, Luciano Alves. (org). *Letramento literário e formação do leitor: desafios e perspectivas do PROFLETRAS*. João Pessoa – PB: Editora da UFPB, 2015.

BRANDÃO, Carlos R. "Congos, congadas e reisados: rituais de negros católicos". In: *Cultura*, 6 (23), Brasília, out/dez, 1976.

CÂNDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Nº 31. Brasília, jan – jun, 2008. Disponível em: [https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3053/Literatura\\_Afro-brasileira\\_EDUARDO.pdf](https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3053/Literatura_Afro-brasileira_EDUARDO.pdf) . Acesso em: 09 de junho de 2017

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (org). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. Ed. ver. e ampl. Maringá: Eduem, 2009.

PROENÇA FILHO, Domício. *A trajetória do negro na literatura brasileira*. *Estud. av.*, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, Apr. 2004. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017&lng=en&nrm=iso). Acesso em : 10 de junho de 2017

SANTOS, Célia Regina dos; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (org). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. Ed. ver. e ampl. Maringá: Eduem, 2009.

LOPES, Nei. *O racismo explicado aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

\_\_\_\_\_. Entrevista. [abr. 2015]. Entrevistador: Bolivar Torres. Rio de Janeiro: Globo, 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/novo-romance-de-nei-lopes-resgata-movimento-negro-no-brasil-da-decada-de-1950-15909786#ixzz4jt5ajgyi>> Acesso em: 09 jun 2017

SANTOS, Joel Rufino dos. *A questão do negro na sala de aula*. São Paulo: Global, 2016.